CORTESIA DO EDITOR

Entrevista

Concedida a Antonio Reche
arechemedrano@u-netsys.com.br

O sonho de produzir mais

O presidente da Abiove, Sérgio Barroso, acha que o país, com capacidade para moer 33 milhões de toneladas anuais de grãos, pode chegar aos 100 milhões no próximo milênio.

O que seria da indústria, comércio e também de todos nós sem a produção suficiente da matéria-prima? Para responder a essa e a outras questões a Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais, Abiove, uniu-se em 1984 a outras entidades do agribusiness e realizou o I Congresso Brasileiro de Grãos, Cobrag, cujo tema principal era a discussão e a tomada de decisões para que o país conseguisse produzir 100 milhões de toneladas de grãos. O Cobrag foi um sucesso, mas não teve continuidade. Quase uma década e meia já se passou e a produção ainda não superou os 80 milhões de toneladas.

Correndo por fora, os concorrentes internacionais cresceram e muito nos últimos anos, quer na produção de matéria-prima, quer na capacidade de esmagamento, e desenvolveram uma política comercial competente. Estados Unidos, maior produtor mundial de soja, e Argentina não dormiram no ponto. Trabalharam duro no aumento da produção e nas fundamentais questões de logística e competitividade, engolindo um espaço no mercado internacional que era do Brasil.

Preocupado com essa e muitas outras questões do setor, mas animado com a perspectiva de o Brasil romper em futuro muito próximo o marco de 100 milhões de toneladas de grãos, Sérgio Barroso, reconduzido recentemente à presidência da Abiove, e primeiro presidente brasileiro da gigante norte-americana Cargill, comemorou a chegada do primeiro carregamento de soja ao terminal da empresa no Guarujá, SP, transportado desde o Centro-Oeste do país pela Ferronorte: "É uma vitória, não tenho nenhuma dúvida disso", disse na ocasião. Priorizar o transporte ferroviário para deslocar grãos é tradição na Cargill. No seu país de origem a empresa opera milhares de vagões graneleiros e barcaças que navegam ao longo do rio Mississipi. E Barroso, que está integrado ao grupo há 25 anos, aqui e em outros países, sabe como ninguém que a sua especialidade, a logística, é fundamental para a obtenção de bons resultados, e é nessa área que a Cargill tem investido milhões de dólares, e é nesse setor que o Brasil precisa melhorar muito para manter sua fatia no mercado internacional. Como líder das indústrias produtoras de óleos vegetais, seu discurso busca melhorar as condições brasileiras para a criação de uma política agrícola eficaz, para a solução dos desequilíbrios tributários internos e externos, para que o país tenha condições de ser competitivo. Durante duas horas Sérgio Barroso expôs suas idéias para Agroanalysis.



Barroso: o Brasil é a bola da vez

■ *O senhor não acha que o Brasil poderia produzir muito mais soja do que a safra atual?*

— Claro que sim. Não apenas soja. Se fizermos uma análise dos últimos 10, 15 anos, vamos ver que o país perdeu tempo, principalmente se for feita uma comparação com os nossos principais concorrentes.

■ *O senhor pode explicar melhor?*

— Veja como evoluíram Estados Unidos e Argentina. Esses países se adequaram mais rapidamente às exigências do mercado mundial. E mudaram muito, não só na produção, mas na logística, nas tarifas, na redução de custos, enfim, há uma enorme série de fatores que inibem ou alavancam o crescimento de um setor econômico.

■ *Enquanto isso no Brasil...*

— Gasta-se muito tempo com questões menores. Não há como negar que algumas coisas melhoraram, mas é preciso andar mais depressa. Se espaço político não fica vago, o que dizer de espaços comerciais? Nossos concorrentes não vão ficar esperando o Brasil reduzir seus custos portuários, só para citar um exemplo. Eles diminuem os deles e ampliam sua área de atuação ganhando novos mercados.

■ *O que está fazendo falta?*

— Faltou a continuidade de uma política agrícola real e verdadeira por vários anos. Adicionalmente a isso, uma vontade efetiva de rea-

lização dos grandes projetos de infra-estrutura e uma política de comércio internacional adequada aos nossos interesses.

■ *Como assim?*

— Uma política de fomento à produção, racionalização de custos, investimentos no solo, tratamento de erosão, uso adequado de fertilizantes, rotatividade de culturas, redução nos custos de transportes, serviços portuários com taxas e eficiência internacionais, entre outros fatores. Repito, falta-nos uma política agrícola estável por períodos de três a cinco anos para que o produtor possa planejar suas atividades.

■ *Está tudo errado, então?*

— Não, claro que não. Ao contrário, essa situação está se revertendo. Há vontade política em apoiar a agricultura, um exemplo recente é a redução da taxa de juros. Além disso, várias medidas estimulam ganhos de produtividade, como o aporte de recursos do BNDES para investimento em correção de solo (calcário), o zoneamento agrícola e as condições mais favoráveis do Proagro para produtores que utilizam o plantio direto. Parece óbvio, mas essas coisas é que dão o diferencial. É preciso estar atento a cada detalhe de todo o ciclo produtivo.

■ *Os produtores têm desempenhado bem o seu papel?*

— Muito bem. Nenhum dos planos econômicos beneficiou o agricultor. Ao contrário, transformou muitos em inadimplentes, mesmo assim, quando o governo toma alguma medida, como a remoção de impostos, que beneficia a produção, a resposta é imediata respeitando-se o calendário agrícola. Tivemos uma produção recorde de soja na última safra de verão.

■ *Então, não falta vontade de produzir...*

— De maneira alguma. A capacidade brasileira de produzir é quase infinita. Existem enormes áreas com boa fertilidade para serem exploradas. A infra-estrutura tem sido melhorada e nada impede que o Brasil deslanche para o patamar de 100 milhões de toneladas de grãos. Há vontade política, empenho empresarial e conhecimento tecnológico para o país se destacar na produção de alimentos.

■ *O senhor não acha que os produtores precisam se organizar melhor para defender seus interesses?*

— Evidentemente que quanto mais organizados, mais consistentes serão as reivindicações do setor produtivo e então poderemos trabalhar juntos já que somos setores dependentes.

■ *Como o senhor analisa a atuação do Fórum Nacional da Agricultura?*

— Os trabalhos foram positivos e agora é necessário que as bandeiras identificadas nos documentos elaborados pelo Fórum sejam gradualmente implementadas.

■ *O complexo soja tem a ganhar com a criação da Alca?*

— A adoção de blocos econômicos abertos é interessante, são mercados mais acessíveis. Mas tudo isso vai depender de como serão feitas as negociações. É preciso preservar as condições para garantir todos os setores do agribusiness do país. A idéia do *level playing field*, isto é, harmonizar as tarifas em um nível baixo, pode favorecer e muito o crescimento do complexo de oleaginosas no Brasil. Nós vamos defender a bandeira do *level playing field* até as últimas conseqüências.

■ *E a reforma da política agrícola na União Européia?*

— É também um fato positivo. A chamada Europa 2000 tem como objetivo reduzir os mecanismos de suporte e proteção aos produtores daquele continente que são altamente amparados pela política oficial. Qualquer progresso será favorável ao país. Neste sentido o presidente Fernando Henrique Cardoso foi muito feliz na cerimônia de comemoração dos 50 anos do GATT, ao questionar fortemente as práticas comerciais adotadas pelos países desenvolvidos que distorcem o comércio mundial de produtos agroindustriais.

■ *Depois da virada do milênio o segredo da riqueza será a produção de alimentos?*

— Sempre foi, às vezes com mais, outras vezes com menos ênfase. O problema é que a produção de alimentos é também uma questão de segurança nacional. De que vale um exército bem armado com soldados morrendo de fome? O Japão tem uma escassa área disponível para a prática da agricultura. Esse país é um dos maiores importadores de alimentos do mundo. Mesmo assim, por segurança, produz o máximo de grãos dentro das suas fronteiras. Isso não acontece por acaso.

■ *Qual a sua avaliação das sementes modificadas geneticamente e as restrições impostas ao produto na União Européia?*

— Esta nova tecnologia de ponta já está beneficiando os sojicultores norte-americanos e argentinos com diminuição de custos de produção, e o Brasil não pode ficar ao largo deste processo.

■ *Na sua opinião, devemos nos convencer de que somos uma nação agrícola?*

— Definitivamente agrícola. E não há nada de estranho em ser um grande país rural. Somos bastante competentes para produzir e para transformar matérias-primas em alimentos para abastecer o mercado interno e o externo.

■ *Por que esse processo não acontece com maior rapidez?*

— A indústria é e sempre será dependente de matéria-prima. Os agricultores precisam de uma política agrícola para produzir eficientemente. Isso significa diminuir a carga tributária, melhorar as condições logísticas, reduzir custos portuários e resolver uma série de outros problemas. Acertadas essas questões, a evolução virá na velocidade desejável

■ *É suficiente?*

— Não sejamos tão simplistas. É preciso sensibilizar as autoridades e a população da importância estratégica do nosso setor. Lideramos a balança comercial, com exportações de US$ 5,7 bilhões em 1997, somos o maior exportador mundial de farelo de soja e o segundo de óleo, e fornecemos alimentos e insumos básicos – óleos comestíveis e farelos protéicos para produção de carnes e leite. O óleo de soja é um dos produtos da cesta básica. Uma vitória bastante significativa poderá ser comemorada se viermos a ter adidos agrícolas nas embaixadas brasileiras. Precisamos mostrar o nosso lado eficiente, vender as nossas qualidades.

■ *Isso da porteira para fora, e da porteira para dentro?*

— Criar as melhores condições possíveis em benefício dos produtores. Incentivá-los a produzir cada vez mais e melhor. E remunerá-los satisfatoriamente. A agricultura é a maior riqueza que temos. Não nos faltam boas terras, clima adequado e água. Usando esses recursos naturais com critérios e respeitando o meio ambiente, fica difícil não acertar.

■ *O país precisa pesquisar mais?*

— É preciso viabilizar mais recursos para aplicar em novas tecnologias. Um fundo de investimento com recursos vindos dos

produtores, como existe nos Estados Unidos, poderá alavancar o processo de ganho de produtividade e redução de custos. O governo sozinho não vai resolver os nossos problemas.

■ *A indústria está preparada para processar safras maiores vindas de regiões cada vez mais distantes?*

— Temos capacidade para moer 33 milhões de toneladas anualmente. Processamos em torno de 21 milhões, portanto, há muito espaço para crescer. Com relação às novas fronteiras, mais distantes das atuais indústrias é problema de solução conhecida. No curto e médio prazos podemos nos adaptar às novas características da produção. E vejo satisfeito os investimentos que estão sendo realizados nas melhorias das estradas e em outras formas de transporte e de infra-estrutura. Esses fatos são muito positivos.

■ *Que investimentos em infra-estrutura o senhor destaca?*

— Dizem que Deus é brasileiro e foi parcimonioso apenas na distribuição de rios que cortam o centro do país, em outras palavras, falta-nos um rio como o Mississipi, mas temos hidrovias no Tietê/Paraná, o rio Paraguai, o São Francisco e outros. Todos os investimentos nessa área são fundamentais para o setor de grãos.

■ *E as ferrovias?*

— Não há quem conteste que esse meio de transporte é barato e seguro para carregar as safras agrícolas e não apenas isso. Apesar do consenso, o país ficou um século sem investir nesse setor, o que é um absurdo. Aos poucos, juntos, governo e iniciativa privada retomam as aplicações nessa área. A Ferronorte é um belo exemplo do que pode ser feito. E a nossa empresa comemorou a primeira carga que chegou ao porto de Santos. Acreditamos que esse é um dos caminhos a seguir.

■ *As indústrias estão preparadas para investir?*

— Temos um parque industrial grande e moderno, com capacidade ociosa. Os investimentos necessários para acompanhar as mudanças que estão ocorrendo são pequenos, e acredito que o setor tem condições de fazê-los. O governo tem que fazer a sua parte: apoiar investimentos pesados em hidrovias, ferrovias e estradas. E mais: melhorar as condições dos portos e eliminar a burocracia inútil. Quanto a nós, estamos preparados para acompanhar o aumento da produção sem problemas.

■ *Existe mercado para grandes aumentos de produção?*

— Há. Fala-se muito dos grandes países compradores como os da Europa, Japão, China, entre outros. Nós temos uma vantagem excepcional. O Brasil é e pode se tornar ainda maior consumidor da soja e de seus subprodutos. Existem novos consumidores no mercado interno que precisam ser conquistados. O consumo brasileiro *per capita* de carne é pequeno. Quando se pensa em aumento de consumo de carnes, a soja está envolvida como fonte de alimento protéico para aves e suínos. O horizonte é amplo.

■ *Portanto, não há grandes dificuldades à vista...*

— É preciso produzir – falo de agricultores e da indústria – cada dia com mais competência. Existe demanda externa e também interna. Um produto de qualidade e competitivo não encalha. É assim que o mercado funciona.

■ *Os problemas de barreiras alfandegárias continuam atrapalhando a entrada de produtos brasileiros no exterior?*

— Sim, e essa é uma questão grave. Nós queremos jogar com as mesmas cartas que os nossos competidores. A Lei Kandir trouxe inúmeros benefícios e concordamos com ela, mas outros países asseguram boas condições de competitividade para a sua indústria contra o protecionismo internacional com mecanismos de que não dispomos no Brasil. Além disso os principais países consumidores importam nossa matéria-prima sem qualquer gravame, mas mantêm elevadas as tarifas aduaneiras para obstruir a entrada dos produtos industrializados.

■ *O que a Abiove pode fazer para corrigir essa situação?*

— Vamos buscar a equalização. Não podemos concordar com nada que prejudique a indústria brasileira. Precisamos de mecanismos que nos compensem pelas práticas protecionistas e subsídios de outros países que garantam o emprego para o trabalhador brasileiro. Lutaremos para uma situação de igualdade com o resto do mundo.

■ *Como está a questão do ICMS interestadual?*

— Aí vigora uma confusão total e inaceitável. Cada estado tem uma taxa e um mecanismo diferente. Isso só prejudica e onera as indústrias. É um problema que necessita de uma reforma urgente para não nos atrasarmos ainda mais.

■ *Os governos atrapalham?*

— Defendemos a menor interferência possível deles. A soja é um produto excepcional, tem uma liquidez fantástica. É um mercado que se auto-regula sozinho. Esgotadas as possibilidades de crescimento no Sul, o agricultor procura outra região e a transforma em novo pólo de produção e geração de riqueza. A indústria acompanha. Qual foi a interferência do governo nesse processo? Isso é resultado da determinação do produtor e do industrial brasileiros.

■ *Qual o papel do governo?*

— Criar a política agrícola da qual falamos antes, proporcionar o financiamento para o agricultor plantar com tranqüilidade, abrir caminhos para o escoamento dessa produção, lutar para eliminar as barreiras nos mercados internacionais e deixar o resto por conta da iniciativa privada.

■ *Qual o futuro da indústria de esmagamento no Brasil? A tendência é de concentração?*

— Nos Estados Unidos as cinco maiores empresas detêm 75% do mercado. Aqui as grandes esmagaram 56% no ano passado. Não vejo problema nisso. Há os mercados regionais onde as indústrias menores têm espaço para continuar operando normalmente.

■ *Quando poderemos alcançar 100 milhões de toneladas?*

— O Brasil poderá entrar no próximo milênio com um aumento expressivo na produção de grãos. A agricultura está iniciando uma importante mudança de paradigma tecnológico com a introdução da biotecnologia e da agricultura de precisão. O Fórum Nacional da Agricultura reuniu contribuições de todo o agribusiness para avançar neste processo e gerar empregos e renda distribuídos por todo o território nacional.

■ *Há mercado para toda essa produção?*

— Sim. O país importa alimentos e tem condições plenas para aumentar o consumo interno de grãos. Além disso, o mercado mundial de alimentos está em expansão e não falta espaço para produtores eficientes. A Argentina em poucos anos dobrou sua produção de 30 para 60 milhões de toneladas, vende tudo e engorda suas reservas internacionais. O Brasil é a bola da vez.